

CORES DE CORISCO

CORISCO COLORS

Honácio Braga de Araújo¹

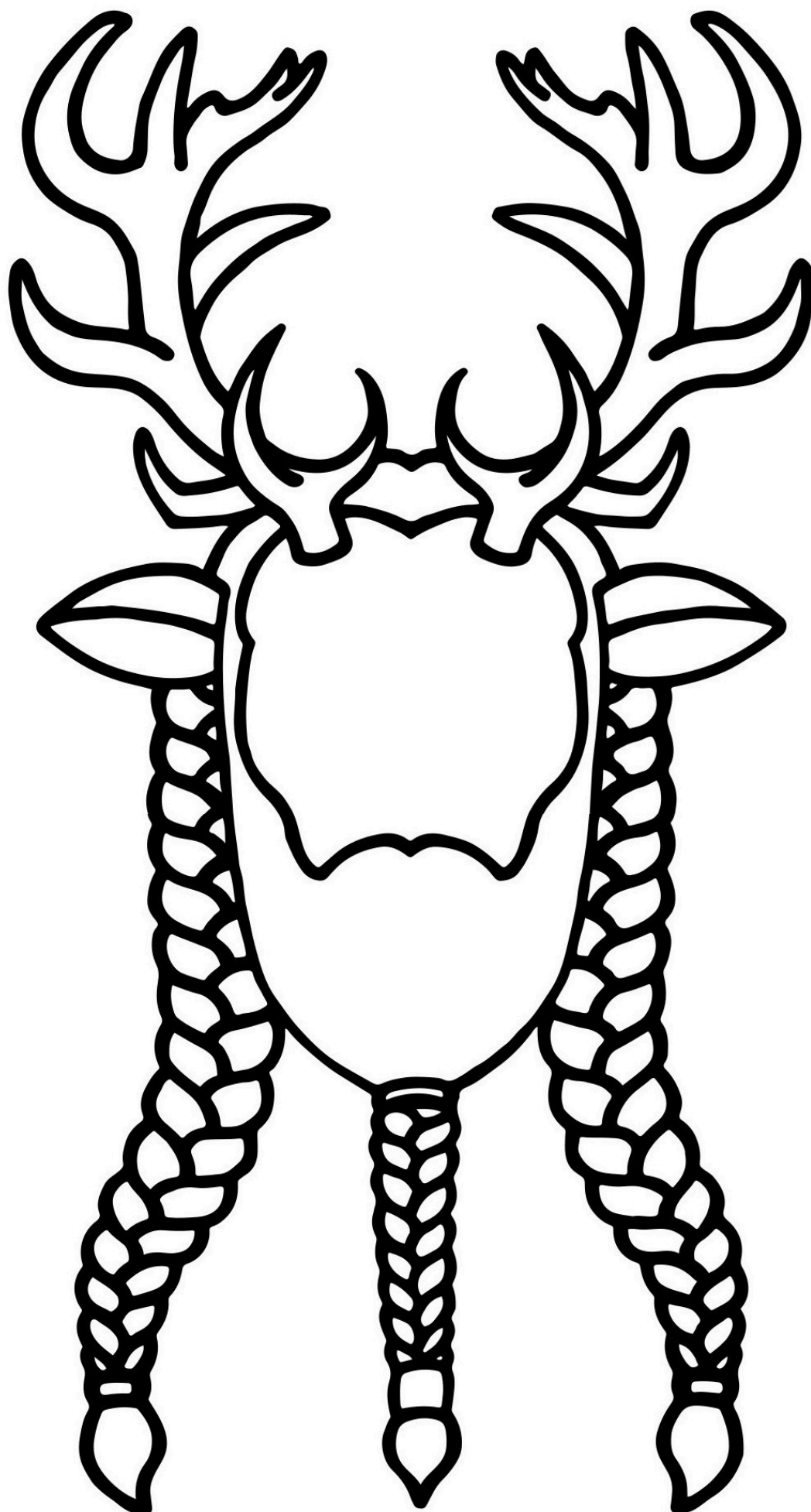
Resumo: este conto se passa em Corisco, a pequena cidade fictícia no Nordeste do Brasil onde vive a *drag queen* Safira Safari. Como autista LGBT, ela resiste às várias vezes em que tentaram invisibilizar a sua existência dissidente por meio das imposições de conformidade aos padrões hegemônicos. Através de expressões artísticas, ela busca enfrentar a discriminação e curar as feridas do passado, marcado por repressão e *bullying*. Permeado de memórias e reflexões sobre estigmas sociais interconectados, este conto é acompanhado por uma ilustração feita pelo autor.

Palavras-chave: *Drag queen*; Autista; LGBT.

Abstract: this short story is set in Corisco, a small fictional town in Northeastern Brazil where drag queen Safira Safari lives. As an autistic LGBT person, she resists the numerous attempts to make her dissident existence invisible by imposing conformity to hegemonic standards. Through artistic expression, she seeks to confront discrimination and heal the wounds of a past marked by repression and bullying. Filled with memories and reflections on interconnected social stigmas, this short story is accompanied by an illustration by the author.

Keywords: Drag queen; Autistic; LGBT.

¹ Doutorando em Direito pela UFPR com bolsa CAPES/PROEX, mestre em Direito pela UFSC com bolsa CNPq e graduado em Direito pela UFPI. Membro do Núcleo de Direitos Humanos e Vulnerabilidades da UFPR. E-mail: honacio@gmail.com



O meu nome é Safira Safari e eu nasci ontem. Safira Safari é o meu nome de *drag queen*, e ontem performei para um público pela primeira vez. Já que a minha *drag* é uma persona que criei como uma forma de expressão artística, a ideia de quem sou como *drag*, por um lado, e a ideia de quem sou como pessoa, por outro, moldam duas facetas de mim que se retroalimentam. Logo, a fim de melhor explicar uma, sinto que necessito explicar a outra.

Como *drag*: eu nasci aqui em Corisco, uma cidade nordestina cercada de mata, durante a festa do bicentenário da cidade, fundada em 1831. Por coincidir com o Dia do Saci (também conhecido como o Dia das Bruxas, ou *Halloween*), ela foi anunciada como uma festa à fantasia. Lá, me vi rodeado de gente vestida como criaturas míticas de outros países e seres folclóricos nacionais, como a Iara e o Cabeça de Cuia. Ou seja, nasci na sexta-feira dia 31 de outubro de 2031, em uma noite de lua cheia. Mais à frente, farei o relato dessa performance.

Como pessoa: sou um homem cis gay, de pele branca quase amarela, olhos marrons quase pretos, cabelo grisalho quase prateado, com quarenta e dois anos, baixo, barrigudo e barbudo – pela gíria gay, sou um pequeno urso. Diferente da minha homossexualidade, que foi percebida cedo (eu me entendi como gay entre a infância e a adolescência), confirmei que sou autista somente na idade adulta, tendo recebido o laudo aos trinta e dois anos.

Vivendo décadas sem saber que sou autista, notava que eu era diferente de algum modo, por ter dificuldade de entender os comportamentos das outras pessoas. Às vezes eu me imaginei explicando costumes humanos para alienígenas que viessem à Terra com o intuito de estudar a espécie *Homo sapiens*. Nessas ocasiões imaginárias, era como se a minha mente tentasse captar a essência dos modos de interagir dos demais, que tanto me causavam confusão. A ocorrência desses cenários de faz-de-conta ressaltava a maneira como as condutas sociais me intrigavam, a ponto de eu simular, em meus pensamentos, que estava ensinando sobre isso para quem não fazia a mínima ideia de quais eram os motivos e objetivos de tais hábitos e padronizações.

Ao obter o diagnóstico de autista, senti como se a minha vida tivesse sido um filme de suspense, com situações incompreendidas e desconexas até chegar a um evento-chave, no qual é revelado um detalhe que reúne várias pistas espalhadas ao longo da trama, agrupando as peças, preenchendo as lacunas e resolvendo o mistério. Saber que eu sou autista me trouxe um senso de paz e pertencimento. Paz, porque agora sei que certos desentendimentos não foram culpa de um problema meu, mas sim o resultado de ter um cérebro que funciona de um modo distinto do que é estabelecido socialmente como típico. E pertencimento, por saber que não estou sozinho, pois existe mais gente com vivências parecidas com a minha; eu tenho os meus pares.

A confirmação me fez entender que os meus modos de pensar e de agir não são errados, inferiores, defeituosos, inadequados: são atípicos, neuroatípicos, neurodivergentes,

autísticos. Aprendi que eles tinham nomes e explicações: comportamentos repetitivos, interesses restritos, dificuldades de comunicação e interação social, hiper e hipossensibilidades sensoriais etc.

Ao saber que sou autista, me questionei quem eu sou por trás da máscara que criei para interpretar um papel. Anos atuando para tentar não parecer dissidente me afastaram da pessoa que eu poderia ser sem essas amarras, que tanto me puxavam para baixo. Em consequência das autodescobertas, quis buscar meios de desmascarar o autismo em mim. Esse processo tirou um peso de cima de mim, e foi daí que veio a minha assimilação da noção de que havia muita coisa enterrada, como os meus anseios de criatividade com expressões artísticas – em áreas como as de moda, desenho e dança – que estivessem ligadas a temas LGBT.

As imposições alheias (e internalizadas) de camuflar gayanidade e autisticidade estavam interligadas, como elos de correntes que me aprisionavam. Então, decidi que era hora de me livrar desse falso eu, e resgatar o verdadeiro. Ao despertar partes adormecidas de mim, houve uma reação em cadeia, mais partes emergiram. Aos poucos, redescobri a minha autenticidade e reaprendi a me amar. Meus extravasamentos através de atividades artísticas impulsionam essas mudanças, no que diz respeito à minha liberação autística e lgbtística.

Desde que confirmei que eu sou autista, eu me entendo melhor e estou mais confiante para encarar o desafio de ser abertamente dissidente. Sou sobrevivente de uma série de vezes em que tentaram fazer com que a minha existência como autista LGBT fosse invisibilizada através de imposições para que eu me adequasse às expectativas de conformidade. Diante disso, o desenho e outras formas de arte são os meus instrumentos de cura das feridas do passado, que jamais sumirão totalmente. Sempre ficam cicatrizes, entretanto, posso enfraquecer as dores.

Desde a infância, passei por experiências de repressão que faziam crescer dentro de mim o medo de ser eu mesmo. Menosprezado de modo recorrente por ter atributos peculiares, eu me apegava aos meus interesses de arte, como desenhos animados e revistas em quadrinhos, para não me sentir tão mal com as lembranças dos casos de bullying que sofri em vários lugares. Conheço pessoas em situações equivalentes que tentaram suicídio, e vejo notícias sobre terapias de conversão, que não funcionam e causam sérios danos.

Desde que parei de tentar fingir que era outra pessoa para agradar quem me repreendia, comecei a me valorizar; cultivei autoconhecimento e colhi autoconfiança. Após sucessivas agressões, eu me mudei para a minha atual cidade, Corisco, onde encontrei as amizades que hoje considero como a minha família escolhida, formada de pessoas integrantes e aliadas das comunidades autista e LGBT.

Corisco é uma charmosa e tranquila cidade serrana, de clima ameno e um pouco afastada do litoral, localizada entre a Mata Atlântica e a Mata dos Cocais (uma zona de

transição entre a Floresta Amazônica, o Cerrado e a Caatinga). Diante dos impactos das mudanças climáticas, batalhamos para proteger as pessoas e outros seres frente à devastação aqui em Corisco, uma das inúmeras localidades brasileiras atingidas por incêndios.

Como a natureza, as comunidades estigmatizadas são atingidas por sistemas interligados de opressão do patriarcado cisheteronormativo capitalista, produtores dos privilégios de grupos dominantes que controlam as estruturas de poder na sociedade. Nesse sentido, escolhi Corisco como o meu lar por ser um refúgio de sossego em termos de aceitação de pluralidades culturais e de diversidades de grupos sociais que são minorizados em outros lugares.

Corisco é bastante múltipla em aparências e costumes de habitantes e visitantes. Duas de suas qualidades que são as minhas favoritas são a facilidade de ver gente com cabelo colorido – em tons de rosa, roxo, azul, verde e por aí vai – e a facilidade de ver gente com vestes vindas de várias nações. Aqui, gente diferente não atrai olhares de fascismo, mas sim de fascínio.

Eu me mudei para cá logo após confirmar que sou autista, logo, eu estava conhecendo um novo lugar e ao mesmo tempo me conhecendo melhor. Então, passei a ser mais eu mesmo, movido pelas circunstâncias de estar vivendo esses dois processos simultaneamente. Por isso, resolvi realizar alguns desejos que já tinha, como usar kilt e esmalte em ocasiões especiais.

Atualmente, como membro de movimentos sociais, procuro colaborar para as lutas pela eliminação das diversas formas de discriminação, pois, sendo gay autista, passei por exclusão e tentativas de me limitarem e tirarem a minha voz. Frente a isso, a apreciação de artistas *drag* me trouxe o bom humor e a esperança que busco repassar adiante. Para mim, ser artista é um meio pelo qual participo dos esforços coletivos por inclusão e justiça social.

Quando jovem, cheguei a imaginar a moda como uma possível área profissional, mas, na época, não trilhei esse caminho, por medos: achei que causaria decepção se trabalhasse com algo visto como coisa de viado; e achei que não seria bom o suficiente. Esses medos se fizeram presentes em múltiplos setores da vida, de modo que me dedicava excessivamente para ser um ótimo aluno, ótimo filho etc. na tentativa de compensar o fato de ser destoante dos demais.

Destoar é uma ideia também bastante recorrente para mim. Em muitos lugares e épocas, senti que eu destoava dos outros. Por um tempo, pensei se tratar apenas do fato de ser gay. Aos poucos, fui notando mais aspectos de dissidência que me compõem, como a condição de autista. É preciso ter coragem para ser abertamente diferente em uma sociedade que estigmatiza e exclui seres humanos por suas diferenças, tanto que às vezes não consigo manter a tranquilidade em público em certas situações. Há momentos em que corro risco de violência caso se incomodem pela simples existência de um gay autista em

um espaço coletivo. De vez em quando, lido com o desconforto de fazer mascaramento, nem sempre intencional, como um gay autista que tem passabilidade heterossexual e também passabilidade alística (ou seja, não autista). Por muito tempo, pensei, equivocadamente, que ser eu mesmo era ruim, indesejado, algo a ser evitado. Ainda criança, eu me dizia algo como: “Eu não gosto de mim.” E isso é muito triste.

Todavia, a informação e a conscientização que tenho acessado recentemente contribuem para minha contínua desconstrução como alguém que já reproduziu modos machistas, racistas, lgbtfóbicos e capacitistas de pensar e falar, pois vivemos em uma sociedade estruturalmente machista, racista, lgbtfóbica e capacitista. Quem aceita tudo o que é amplamente disseminado em relação a preconceitos, sem refletir sobre as fontes dessas tradições de desprezo de certos grupos sociais por divergirem dos padrões, acaba absorvendo uma série de valores nocivos que são estimulados constantemente e ainda são muito pouco discutidos.

Eu cansei de me esconder por medo da rejeição; eu quero viver com liberdade para me expressar como me sinto bem. Por muito tempo, tentei conter os meus jeitos de andar, de falar e de gesticular a fim de que não me percebessem como LGBT, para não sofrer violência. Após saber que eu sou autista, eu me dei conta de que talvez, ao longo da vida, eu também camuflasse o fato de ser autista, com aspirações de assimilação ao entorno.

Quero libertar o meu jeito autístico e lgbtístico: me balançar ao caminhar, sacudir as mãos ao ficar feliz e desenhar com as mãos no ar quando falo. Fingir que eu não sou autista e que não sou LGBT me machuca. Eu não quero viver pela metade, me anulando para o conforto alheio. Repito para mim que ser como sou não é um erro, pois por tempo demais ouvi dizerem que era; e eu acreditava. Só quero ser eu de verdade, sem o peso do receio paralisante de sofrer hostilidade de quem não entende. Desejo reencontrar a pessoa que eu sufoquei dentro de mim para manter a farsa de ser neutro e dócil, mais fácil de tolerar.

Quero fazer as pazes com o meu eu original que ocultei, enfim, quero viver plenamente como uma pessoa dissidente e orgulhosa de ser assim. O orgulho LGBT, de modo semelhante ao orgulho autista e ao orgulho de outros grupos marginalizados, é uma resistência a tentativas de nos fazer acreditar que devemos ter vergonha de estar no mundo de modo autêntico. Hoje, sou abertamente gay autista a fim de ocupar espaços, gerar visibilidade e representatividade, para propagar o auto-amor, o auto-acolhimento e a autocelebração de pessoas dissidentes.

Falando em celebrar: após ser apenas admirador durante anos, oficialmente posso dizer que sou uma *drag queen*, pois ontem à noite fiz a minha performance de estreia. Foi ao ar livre, na festa de uma data especial para o local onde eu moro. Eu constava como Safira Safari, autista artista *drag*, no panfleto que mostrava a programação especial organizada pela prefeitura para o aniversário da fundação de Corisco. Na chegada à festa, na praça principal da cidade, eu me impressionei com a variedade de extraterrestres, fantasmas,

feiticeiras e demônios. Por onde eu passava, os entusiasmos que havia em mim e nos demais se estimulavam mutuamente, visto que – com fantasias caprichadas exaltando e enaltecendo figuras estranhas e esquisitas – os olhares transmitiam deslumbramento e carinho por quem nos gera identificação.

Quando chegou a minha vez e a música começou, subi ao palco montada com um visual *drag* confeccionado por mim. No ano passado, realizei o sonho de me aventurar a fazer roupas para mim, especialmente túnica; e naquele palco, fiz uma exposição da minha obra de vestuário *drag*. Cheguei trajando um robe violeta que cobria tudo do pescoço para baixo. Coladas sobre o tecido, pedrinhas douradas refletiam as luzes formando uma simulação de constelações, com estrelas ligadas por linhas retas e sobrepostas pelos contornos dos desenhos de criaturas que são seus símbolos, tais como centauro, escorpião, leão, pégaso, touro, unicórnio e ursa.

Dancei ao som de uma sequência de músicas da Pabllo Vittar, justamente na véspera do aniversário dela. Após intensa preparação, acompanhei todas as letras com movimentos labiais primorosamente sincronizados. Além de maquiagem com traços exuberantes e tons vibrantes, eu usava peruca e extensão na barba (que já tinha deixado crescer por uns meses), combinando cabelo e barba com um único tom lustroso de laranja, que parecia lava de vulcão. Havia duas tranças no cabelo, uma de cada lado, e uma trança na barba, as três chegando à altura do coração, e chifres de veado com ramificações similares a galhos secos em tons de cinza. Coloquei cílios volumosos e próteses imitando orelhas de veado, com cor de vira-lata caramelo.

Durante a primeira música, desfilei e fiz várias poses, para mostrar em detalhes o mapa celeste reluzente que me envolvia. Na transição para a segunda música, retirei o robe, chifres e orelhas, revelando outro visual, composto por um *kaftan* cintilante como purpurina, botas e asas de borboleta nas costas. Todas essas peças tinham tons de vermelho, para representar uma fada vermelha. Com movimentação mais livre do que no visual anterior, comecei uma dança bastante agitada. Pontinhos cristalinos refletiam as luzes do entorno à medida que eu me movia.

Com os elementos de brilho, por um lado, e os elementos de animal, por outro, os meus visuais remetiam ao meu nome *drag* – Safira Safari. Aliás, a inspiração para esse nome veio dos *videogames* de *Pokémon*: na 3ª geração do jogo (dos anos 2000), havia uma versão chamada Pokémon Safira; e na 1ª geração (dos anos 1990), havia um lugar chamado Zona Safari, que ficava na cidade de Fúcsia. Então, o meu nome drag traz também a ideia de conexão com uma localidade, como homenagem à conexão entre Corisco e a minha história de vida.

Escolhi usar os chifres de veado para representar um viado – termo derivado de desviado ou transviado das normas da cisheteronormatividade, um insulto reivindicado como um sinal de orgulho – e, ao mesmo tempo, para representar os ramos das árvores

atingidas por chamuscas. A intenção era um protesto contra a caça de viados, no sentido de lgbtfobia, e a caça de veados, representando os animais não humanos explorados para atender aos interesses humanos e, junto com as queimadas, a crise ecológica e as agressões à natureza.

Montei o visual de fada vermelha em contraposição ao estereótipo de anjo azul, dirigido a autistas. Assim, fiz uma alusão ao movimento *Red Instead* e uma reapropriação do termo *fairy*, como ocorreu com os termos *queer* e viado, ressignificados pela comunidade LGBT. As cores das roupas, vermelho e violeta, referenciam as duas pontas do arco-íris, enquanto que a cor de ouro, nas constelações, aponta para seu uso como um símbolo pela comunidade autista. Havia também a contestação às normas que impõem a conformidade a caixas, entrelaçando símbolos masculinos (como a barba e a pelagem visível no decote) e femininos (que, segundo convenções de certas épocas e lugares, seriam alguns ornamentos e adereços). Eu gosto dessa mistura.

Eu me sentia maravilhado com o quão era prazeroso e gratificante poder expandir toda a minha expressão de arte e questionamento de normas. Movido pelas músicas e pelas torcidas do povo da cidade que escolhi chamar de minha, eu me deliciava com a sensação de ter a minha autoestima reciprocamente alavancada pela minha criatividade para as partes não coreografadas da dança. Com caras e movimentos em harmonia com as melodias e emoções, era extremamente satisfatório proporcionar entretenimento transbordando viagem.

Enquanto estrelava no palco, a céu aberto, renovei o meu encantamento por mim e pela cidade que me abraçou. Com as belezas da sua natureza e os valores do seu povo acolhedor, Corisco eleva o ânimo e o otimismo de que preciso para continuar me desprendendo das aflições do passado. E para acreditar que o futuro é promissor para pessoas que, como eu, querem viver livres para expressar suas características autísticas e lgbtísticas. Simbolizando as comunidades autista e LGBT, usei unhas postiças multicoloridas, seguindo a sequência de cores contidas na bandeira LGBT e no símbolo de infinito colorido com o espectro das cores, criado por autistas para representar a neurodiversidade. Assim, minhas mãos eram como um duplo arco-íris.

Recebido em: 04/04/2025
Aceito em: 22/04/2025